

Queda do poder aquisitivo preocupa no 2.º semestre

Com o desemprego alto, não há espaço para a conquista de reajustes salariais

DENISE NEUMANN
e DENIZE BACOCINA

A queda no poder aquisitivo da população é uma das incógnitas para o segundo semestre. Os reajustes dos serviços públicos diminuíram a renda disponível para o consumo e, embora as taxas de desemprego estejam estáveis, o nível de desocupação é muito superior ao dos primeiros anos do Plano Real. Cálculos do ex-presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, mostram que a taxa média de desemprego no Brasil, medida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foi de 5,2% entre os anos de 1994 e 1997. O último dado indica que ela recuou para 7,3%, mas esse número é 40% maior que a média anterior. Com o desemprego alto, não há espaço para a conquista de reajustes salariais.

A indústria de alimentos encerrou os primeiros sete meses com um aumento de 3% na produção física. A estimativa é manter esse crescimento no fechamento do ano, diz o assessor econômico da Associação Brasileira da Indústria da Alimentação, Dênis Ribeiro. "O segundo semestre é sazonalmente melhor", observa. Na sua avaliação, a alta recente do dólar é um "solução" e logo os bons fundamentos da economia vão prevalecer e acalmar o mercado. O consumo não cresce mais, diz, porque a massa salarial está contida pela falta de reajustes e pelo aumento do desemprego.

O diretor geral da Sofruta, Enzo Carro Donna, espera um crescimento entre 7% e 10% no segundo semestre em relação ao ano passado, quase metade dos 15% obtidos nos primeiros seis meses do ano. "Já estamos crescendo desde outubro do ano passado e por isso não vamos conseguir sustentar esse mesmo número", diz Donna. O crescimento do primeiro semestre, segundo ele, foi obtido com mudanças tanto no produto como nas

embalagens, com o lançamento de produtos novos como um doce de leite light. O diretor da Sofruta avalia como exagerada a expectativa do mercado para o segundo semestre. "Estou meio apreensivo e não acho que o mercado vai crescer", afirma. "O consumidor está sem dinheiro ou com medo de gastar o pouco que tem", diz.

"O poder aquisitivo baixou", diz o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Calçados, Nestor de Paula. O setor está prevendo uma recuperação

mais lenta no consumo interno que nas exportações. As vendas para o exterior devem aumentar entre 10% e 15% no ano, com a maior parte deste resultado sendo feito nos últimos seis meses. "No mercado interno há pequenos sinais de melhora, mas o segundo semestre será melhor do que o mesmo período do ano passado", avalia.

A queda no poder aquisitivo também está sendo sentida nos pequenos supermercados, que venderam 12% menos no primeiro semestre e não tem perspectivas de melhora na segunda metade do ano. "Esperávamos uma melhora em agosto mas não aconteceu nada", diz o presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Gêneros Alimentícios (Sin-covaga), Wilson Tanaka. "Às vezes eu tenho a impressão de que julho ainda não terminou", afirma.

Ele diz isso porque julho é considerado o

pior mês do ano para o setor, por causa das férias, e agosto deveria ser o segundo melhor, com a retomada das vendas. "Só vai melhorar quando mexer no poder aquisitivo do consumidor", avalia. "Além do desempregado que não compra porque não tem dinheiro, quem tem emprego não compra com medo de perder."

CONSUMO
NÃO DEVE
CRESCER
MAIS